

O PRECONCEITO RACIAL E SUA DISSEMINAÇÃO NO LIVRO *CONTOS NEGREIROS DE MARCELINO FREIRE*

Ana Paula Santos de Souza¹

RESUMO

Este artigo objetiva tratar do preconceito racial, assim, tomamos duas narrativas do livro *Contos Negreiros*, do escritor pernambucano Marcelino Freire, intituladas *Solar dos príncipes e Nossa Rainha*, para refletir sobre a temática. Realiza-se, reflexivamente, uma breve análise dos contos e apontando o ensino de História como um dos caminhos para o combate do mesmo. No tocante à metodologia, o presente trabalho é desenvolvido a partir de um estudo bibliográfico, numa perspectiva reflexiva. Dessa forma, ressalta-se, aqui, a importância de primar pelos direitos de todos, sem qualquer tipo de discriminação, abordando o ensino de História como primordial no combate deste mal.

Palavras-Chave: preconceito racial, *Solar dos Príncipes*, *Nossa Rainha*.

Introdução

O Brasil é um país de grande diversidade étnica, tendo por principais povos formadores os índios, os negros e os europeus. E desde sua ocupação, iniciada no século XVI, se configura com uma sociedade heterogênea, marcada por um pensamento abalizado pela ideia da existência de uma superioridade e inferioridade entre as “raças”, algumas concepções foram surgindo ao longo do tempo, que marcaram negativamente as relações raciais em diversas partes do mundo. Dada as devidas condições de temporalidade, muito desse passado ideológico permanece incorporado em nossa sociedade na atualidade. Muitos ainda acreditam na existência das desigualdades étnicas

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: anapaulasletras@gmail.com

e culturais, semeando o ódio e ignorando a pluralidade e a diversidade entre os povos, revelando resquícios do período colonial e escravocrata brasileiro.

Nesse sentido, os escritores de obras literárias usam, em sua maioria, o momento histórico como fonte de inspiração, logo, não se restringem a entreter, denunciam, fazem refletir e promovem discussões que visem impactar e mostrar que a luta pela igualdade de direitos entre os povos necessita de atenção.

Dessa forma, objetivamos, neste trabalho, abordar o preconceito racial, realizando, reflexivamente, uma breve análise de *Solar dos Príncipes e Nossa Rainha* e apontando o ensino de história como um dos caminhos para o combate de tal preconceito. Pensando assim, escolhemos para subsidiar o presente estudo Marcelino Freire, um escritor pernambucano que utiliza sua escrita para denunciar, de maneira clara, objetiva, detalhista e impactante, a violência e as angústias de quem vive à margem da sociedade.

A denúncia e o pensamento crítico são marcas fundantes em sua escrita, por ser um autor moderno, prioriza observar de forma analítica, como no cotidiano as pessoas sofrem ainda algum tipo de preconceito. Para isso, ele busca como “inspiração”, o nosso trágico passado colonial e imperial de humilhação e atrocidade às pessoas negras. E, ao realizar a leitura de uma de suas obras, *Contos Negreiros*, chamou-me a atenção, pois sua escrita permeada de um olhar crítico social, denuncia casos corriqueiros, que, por vezes, negamos acontecer. Dessa feita, foi perceptível a importância de seu livro para refletirmos sobre as mazelas que estão visíveis e invisíveis ao nosso redor. E que, por sua vez, vem a casar com os estudos desenvolvidos no Curso de *Especialização em Educação para as Relações Étnico-Raciais*.

Contos Negreiros,² é um livro composto por 16 narrativas, intituladas *cantos*³. O autor traz cenas comuns do cotidiano de quem é visto socialmente como inferior, que luta diariamente para sobreviver em meio a tantos preconceitos e a ausência do apoio dos governantes. Marcelino aborda temáticas como homossexualismo, tráfico de órgãos e exploração sexual infantil. No entanto, nos deteremos, aqui, ao *Canto II, Solar dos*

² FREIRE, Marcelino. **Contos Negreiros**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

³ No transcorrer do presente artigo iremos usar as duas nomenclaturas: conto e *canto*. A primeira, diz respeito ao gênero textual ao qual pertencem os dois textos de Marcelino Freire que utilizamos para realizar nosso estudo. A segunda, diz respeito à nomeação dada pelo do autor. Porém, ambas fazem referência aos textos que adotamos.

príncipes, que trata do preconceito racial e ao *Canto X, Nossa Rainha*, que trata da disseminação do padrão ideal de cor e beleza.

Nosso artigo é desenvolvido a partir de estudo bibliográfico numa perspectiva reflexiva. Assim, discutiremos sobre o preconceito racial e a sua disseminação, a partir das narrativas apontadas, ressaltando a importância de primar pelos direitos de todos, sem qualquer tipo de discriminação. Nesse sentido, abordamos o ensino como um dos caminhos primordiais para o combate ao preconceito e à discriminação racial, temática central presente neste trabalho.

Apontamentos e reflexões sobre o preconceito racial

O Brasil constitui sua gênese ancorada na miscigenação, sendo tal, em sua maioria, composta por europeus, indígenas e africanos. Logo, a diversidade sempre se fez presente na cultura, nas crenças e/ou na cor da pele. Neste último aspecto, pode-se afirmar que a ideia de superioridade e inferioridade entre as raças, apesar de passadas décadas, permanece latente no cenário brasileiro, revelando resquícios da colonização, período de aculturação e do genocídio de diversos povos indígenas, e da escravidão, onde os seres humanos eram tratados como animais, ainda se encontra entre nós, além de muitos outros tipos de preconceitos relativos a inúmeros grupos étnicos. A nossa história apresenta manchas fortes e persistentes de exclusão e discriminação.

O contexto social vigente é uma grande fonte de inspiração para os escritores, assim, as obras literárias apresentam o reflexo de uma sociedade, bem como, são portadoras de denúncias, alegrias, tristezas e histórias marcantes.

Sob olhar, podemos afirmar que os textos literários não têm por função apenas entreter e construir belas imagens, afinal, vivemos em uma sociedade com problemas centenários e persistentes, a exemplo do racismo. Cabendo lembrar que o racismo produzido antes não pode ser pensado como o de hoje: no séc. XIX existiram, inclusive, teorias científicas que defendiam a superioridade branca. Todavia, diariamente, em pleno século XXI, pessoas sofrem violência, seja ela física ou psicológica, pelo simples fato de possuir a pele negra ou se reconhecer como pertencente a tal grupo étnico, revelando um país com pessoas ignorantes, estagnadas num tempo remoto e alheias às leis em vigor, mantendo pensamentos e conceitos retrógrados. Infelizmente, as marcas do passado

permanecem, a cor de pele ainda define quem é melhor ou quem é pior dentro da nossa sociedade. Sir Alan Burns, *apud* Fanon 2008), afirma que:

O preconceito de cor nada mais é do que a raiva irracional de uma raça por outra, o desprezo dos povos fortes e ricos por aqueles que eles consideram inferiores, e depois o amargo ressentimento daqueles que foram oprimidos e frequentemente injuriados. Como a cor é o sinal exterior mais visível da raça, ela tornou-se o critério através do qual os homens são julgados, sem se levar em conta as suas aquisições educativas e sociais. As raças de pele clara terminaram desprezando as raças de pele escura e estas se recusam a continuar aceitando a condição modesta que lhes pretendem impor. (FANON, 2008, p. 110)

Nesse sentido, a maneira que somos educados, o meio em que vivemos e as nossas experiências vivenciadas, dentre outros fatores, ditarão o ser humano que nos tornaremos. Cabendo salientar que conhecer a história do país ao qual vivemos deve ser essencial, pois a formação do indivíduo depende também de suas escolhas. A identidade é construída a partir do outro, bem como da aceitabilidade e da convivência com determinados ideais.

Nessa perspectiva, o que lemos sobre nossa história nos dá suporte para conhecermos nosso povo e nossa formação. Assim, *Contos Negreiros*, de Marcelino Freire, um pernambucano que representa a nova geração de escritores brasileiros, pode ser tomado como referência, pois é um militante contra os estereotípicos e busca, em suas palestras e oficinas, revelar os esquecidos pela sociedade. Seu modo impactante de escrever nos retrata uma realidade nua e crua, sem enfeites, sem imagens bonitas e eufêmicas.

As narrativas da referida obra trazem personagens que vivem à margem da sociedade e enfrentam dilemas diários, assim, não vemos só a figura negra retratada, são reproduzidos também temas como turismo sexual, tráfico de órgãos e homossexualismo. O que mais impacta é a maneira que as histórias se desenrolam, sendo expostas as vivências dos personagens. Portanto, são construídas imagens de contextos comuns do cotidiano com suas dilacerantes experiências de vida, mostrando os sentimentos de quem vive em determinada situação, além disto, os textos são narrados em 1º pessoa, trazendo um tom realista à escrita.

Em se tratando do preconceito racial, é notório, diante do que é narrado em *Contos Negreiros*, que há uma atenção merecida sobre o mesmo, revelando um negro que vive

diariamente situações de desconfiança, desprezo e segregação, sendo tais, vistas como comuns e corriqueiras. Além de destacar o embranquecimento, o desejo de mudar a cor da pele e a influência da mídia.

E é justamente essa visão que perpetua a ideologia de raças, havendo a compreensão da existência de uma dialética entre dominante e dominada, uma concepção escravocrata e colonizadora, uma face cruel e massacrante de uma sociedade dita civilizada.

Preconceito racial: algumas leis e o ensino

Antes de destacarmos qualquer direito direcionado ao público negro, é importante destacar que somos todos seres humanos e, como tais, somos naturalmente diferentes e dotados de especificidades, o que não nos torna melhores ou piores, superiores ou inferiores. Isto parece ser bem notório, porém, nem todos enxergam dessa forma, havendo sempre a necessidade da articulação promovida pelos movimentos sociais e a criação de leis para garantir a igualdade de tratamento.

Ao nos depararmos com as abordagens realizadas em *Canto II, Solar dos príncipes e Canto X, Nossa Rainha*, conseguimos relacioná-las à realidade, mesmo tratando-se de contos, pois, costumeiramente, inúmeras pessoas sofrem situações semelhantes às dos cinco personagens negros do primeiro *canto*. E para que esta realidade seja modificada, o ensino no nosso país necessita enveredar para um campo mais crítico, reflexivo e humano. As pessoas precisam de um ensino que vá de encontro às ideais de beleza e/ou estereótipos, e que conceba a valorização do negro na sociedade.

Pensando na abolição de qualquer tipo de preconceito e assegurando direitos iguais a todos, a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* foi adotada pela ONU em 1948, sendo a Segunda Guerra Mundial um dos motivos da sua criação. A partir de então, objetivou-se ter um mundo de paz entre as nações, assegurando os direitos humanos básicos, o respeito mútuo.

Esta Declaração é um dos principais documentos que faz referência ao exercício da cidadania e aos direitos de todos os seres humanos, nesse sentido, objetiva garantir, independente de cor, raça, nacionalidade ou orientação política sexual e/ou religiosa, uma vida digna. Outro detalhe destacado no documento é a liberdade de pensamento, de expressão e igualdade de todos perante a lei.

A Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como ideal comum a atingir por todos os povos e todas as nações, a fim de que todos os indivíduos e todos os órgãos da sociedade, tendo-a constantemente no espírito, se esforcem, pelo ensino e pela educação, por desenvolver o respeito desses direitos e liberdades e por promover, por medidas progressivas de ordem nacional e internacional, o seu reconhecimento e a sua aplicação universais e efectivos tanto entre as populações dos próprios Estados membros como entre as dos territórios colocados sob a sua jurisdição. (Brasil, 2008, p. 2)

A partir de tal documento, o ser humano, sem distinção, passou a ter a garantia de direitos. Como bem sabemos, é preciso enxergar o próximo como semelhante, igual. Nessa perspectiva, de contemplar todos, também temos nossa lei maior a *Constituição de 1988*.⁴ A mesma nos assegura o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social. O art. 3º, inciso IV, garante a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Ambos os documentos supracitados defendem a igualdade e citam a cor da pele, dentre outros fatores, como um elemento que não deve ser tomado como item de exclusão ou qualquer tipo de preconceito. Então, podemos afirmar que eles são suficientes para acabar com qualquer forma de preconceito ou exclusão em virtude da cor da pele? Infelizmente a resposta é negativa, a problemática necessita de mais apoio, seja através de outras leis, seja através do ensino.

A conquista de direitos da minoria sempre se deu graças a grandes movimentos, sacrifícios e sangue derramado. Logo, cada lei que é criada tem por trás uma história de resistência e muita luta.

Dessa forma, a Constituição Federal de 1988 já garante direitos aos afro-brasileiros, no entanto, a Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, o *Estatuto da Igualdade Racial*⁵ prescreve diretrizes voltadas exclusivamente para a população negra englobando

⁴ BRASIL. **Constituição, 1988**. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

⁵ BRASIL. *Estatuto da Igualdade Racial*: Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, e legislação correlata. 4. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

educação, saúde, esporte, lazer, cultura de moda a combate a intolerância étnica, objetivando efetivar a extinção da desigualdade social e promovendo a tão almejada equidade.

Assim, a referida lei é destinada a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Pensando na eficácia do combate ao preconceito racial, a lei também prescreve um ensino que contemple a história da África, mas não a África estereotipada que vemos na maior parte dos livros didáticos, e a história da população negra no Brasil.

Art. 11. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, é obrigatório o estudo da história geral da África e da história da população negra no Brasil, observado o disposto na Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

§ 1o Os conteúdos referentes à história da população negra no Brasil serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, resgatando sua contribuição decisiva para o desenvolvimento social, econômico, político e cultural do País. (BRASIL, 2015, p. 4)

A Lei nº 10.639/03 de 9 de janeiro de 2003⁶, anterior a supracitada, inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", dando outras providências. Torna obrigatório nas instituições de ensino fundamental e Médio, oficiais e particulares, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

O conteúdo programático deverá, conforme a lei, incluir o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. E os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. Esta lei também efetiva no calendário escolar o Dia Nacional da Consciência Negra no dia 20 de novembro.

⁶ BRASIL. A Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Brasília, 182º da Independência e 115º da República. 2003.

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos diariamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p.16)

Dessa forma, as duas últimas leis se preocupam com a garantia dos direitos dos afrodescendentes, além de pensarem em um ensino que contemple a história dos nossos descendentes e a nossa própria história. Afinal, o conceito pré-concebido surge da ignorância, assim, é essencial que se tenha um ensino que aborde as contribuições, a cultura, a origem, a identidade, dentro outros fatores referentes a história do nosso país e as raízes do nosso povo.

É importante ressaltar que, durante anos, a escola promoveu estudos limitados a respeito da comunidade negra. A disciplina história, por exemplo, mostra em alguns livros didáticos apenas a miséria ou animais exuberantes, esquecendo todo o resto. Logo, quem não tem acesso a outras leituras se limita ao que dado, através da TV, por exemplo, construindo um pensamento restrito.

Como já dito, *Contos Negreiros* é uma obra que revela, sem enfeites, a triste realidade vivenciada pelo negro aqui no Brasil. A exclusão, o preconceito e a desigualdade continuam latentes no cotidiano do mesmo. Autores como Marcelino Freire contribuem para a desmistificação de igualdade entre todos. Se rapazes brancos e de classe média quisessem fazer um documentário em um prédio que mora advogados e médicos, teriam a mesma recepção dos personagens negros de *Solar dos Príncipes*? Na TV, a *rainha dos baixinhos* e uma rainha de bateria têm o mesmo destaque? A resposta para tais indagações é negativa, ainda há muito a ser feito no que se refere ao combate ao preconceito racial e sua disseminação. Para tanto, um ensino esclarecedor e reflexivo é primordial, tendo-se a consciência que seus resultados não são imediatos.

Breves apontamentos sobre *Contos Negreiros* de Marcelino Freire

“Ninguém aqui é escravo de ninguém.”⁷

Marcelino Freire é um escritor pernambucano que traz em suas obras denúncias de uma sociedade excludente e preconceituosa, sendo isto mostrado em seus textos de maneira impactante e realista.

Acrústico (1995)⁸ e *Era o dito*⁹ são seus primeiros livros e foram publicados de forma independente em São Paulo (*Era o dito* é publicado em 2002 pelo Ateliê Editorial), seguidos por *Angu de sangue* (2000)¹⁰, *Balé Ralé* (2003)¹¹, *Contos negreiros* (2005)¹², *RASIF - Mar que Arrebenta* (2008)¹³, *Ama é crime* (2010) e *Nossos ossos* (2013). Por *Contos negreiros* e *Nossos ossos* ganhou o Prêmio Jabuti nas categorias “contos” e “romance”¹⁴, respectivamente. Editou a coleção 5 Minutinhos. É autor de contos publicados por diversas coletâneas, como *Geração 90: os transgressores* e *Eu sou favela*, este último, título inaugural da Editora Nós.

Contos Negreiros elucida bem a forma de escrever do autor, impactante e realista – as falas são adequadas aos contextos dos personagens, sendo informais, com gírias, palavrões -. Publicada em 2005, ganhou o Prêmio Jabuti em 2016. Composta por 16 narrativas, nomeadas de *canto*, que mostram um espaço urbano marcado pelas diferenças sociais, de cor e pela exclusão, em centros urbanos como: Recife, São Paulo e Rio de Janeiro, espaços que o autor toma como referência.

Com a leitura dos *cantos*, nos deparamos com a marginalidade, o invisível e a violência, tudo posto com detalhes e verossimilhança, retratando nossa realidade escancarada e esquecida. Trata-se de uma obra que tece fortes críticas a sociedade brasileira. Com uma linguagem que revela as angústias, as exclusões e as violências sofridas por aqueles que vivem à margem da sociedade – negros, homossexuais, prostitutas, dentre outros. Cada narrativa envolve o leitor e o faz refletir sobre os fatos expostos, termina por revelar uma realidade triste, vivenciada diariamente por diversos

⁷ FREIRE, Marcelino. “Canto Primeiro: Trabalhadores no Brasil . IN.: **Contos Negreiros**. Rio De Janeiro: Editora Record, 2003, p. 20

⁸ _____. **Acrústico**. *Produção Independente*, 1995.

⁹ _____. **Era o dito**. 2ª ed. São Paulo, AE. Ateliê Editorial, 2002.

¹⁰ _____. **Angu de Sangue**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

¹¹ _____. **Balé Ralé** (contos). Ateliê Editorial, 2003.

¹² _____. **Contos negreiros**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

¹³ _____. FREIRE, Marcelino. **Amar é crime**. São Paulo: Edith, 2010.

¹⁴ Conferir site da Editora Nós. Disponível em: < <http://editoranos.com.br/nossos-autores/marcelino-freire/>. > Acesso: 20 de outubro de 2018.

brasileiros. Os textos são escritos em 1ª pessoa, fazendo com que cada acontecimento seja imbuído de veracidade, além de um léxico que revela os sentimentos de indignação.

Em face ao que é narrado em *Contos Negreiros*, é perceptível o quanto o autor se mune de elementos para expor, majoritariamente, fatos tristes e cotidianos tidos como comum, sem a devida atenção por parte da sociedade, afinal acontece com pessoas que estão à margem dela, sendo invisíveis aos olhos do poder público.

No tocante ao preconceito racial, notamos que em *Canto II, Solar dos príncipes*, utilizada no nosso trabalho, o autor não economiza na construção de imagens para revelar as situações, no mínimo infeliz, que as personagens sofrem por terem a pele escura.

Como bem sabemos, vivemos em uma sociedade dita “civilizada”, com organização e princípios pautados no bem maior de todos, independente de cor, etnia, religião e/ou recursos econômicos, como assegura os Direitos Humanos, que surgiu com o objetivo de assegurar direitos a todos.

Pensando assim, as atitudes vivenciadas pelos personagens, que nada mais são do que um espelho da realidade, devem, quando realizadas na prática, serem punidas, uma vez que, ferem o que garante a lei supracitada, porém, devem também servir de incentivo à promoção de um ensino capaz de mudar o modo de pensar e agir de quem as pratica.

A autora Lilia Moritz Schwarcz (2012) diz, em *Nem Preto nem Branco, muito pelo Contrário: Cor e Raça na Sociedade Brasileira*, que a valorização da cor vem desde os primórdios do nosso país, os colonizadores brancos disseminaram esse pensamento e perpetuaram que quem não pertencesse ao grupo étnico dominante seria inferior. Daí se dá o surgimento do termo *raça*. Atualmente, se enxerga o negro de maneira diferente, porém,

Estamos diante de um tipo particular de racismo, um racismo silencioso e que se esconde por trás de uma suposta garantia da universalidade da igualdade das leis, e que lança para o terreno do privado o jogo da discriminação. Com efeito, em uma sociedade marcada historicamente pela desigualdade, pelo paternalismo das relações e pelo clientelismo, o racismo só se afirma na intimidade. É da ordem do privado, pois não se regula pela lei, não se afirma publicamente (SCHWARCZ, 2012, p. 32)

Logo, percebemos que é preciso mudar o pensamento, algo bem mais complexo e que exige um processo mais demorado e com empenho, porque as leis que promovem a

igualdade já existem, no entanto, são necessárias discussões que combatam de fato essas ideologias advindas do período escravocrata.

O preconceito racial em *Solar dos Príncipes e Nossa Rainha*

“Mãe eu quero ser Xuxa.”¹⁵

“Quatro negros e uma negra pararam na frente deste prédio” (FREIRE, 2005, p.23). Esta é a sentença introdutória do Canto II, *Solar dos príncipes*, do livro *Contos Negreiros*, que inicia expondo uma cena escancarada de preconceito em virtude da cor.

De repente, o porteiro, que também é negro, se depara com cinco pessoas negras em atitude estranha para a ocasião de calmaria em um dia comum num bairro nobre. Qual a reação imediata do porteiro: o estranhamento, expressada nas seguintes sequências: “*Meu Deus!*”, e “O que vocês querem”, “Qual o apartamento? ”, “Por que ainda não consertaram o elevador de serviço ” (FREIRE, 2005, p. 23).

O que afinal cinco negros, residentes do Morro do Pavão, estavam fazendo com uma câmera, filmando na frente de um prédio num bairro elegante do Rio Janeiro? Soou estranho para o porteiro negro, que possivelmente pertenceria também a alguma periferia da “cidade maravilhosa”. Que não estava compreendendo a situação inusitada dos jovens.

Os quatro jovens pararam em frente a um prédio com o intuito de fazer um documentário sobre a classe média, para tanto, teriam que falar com algum morador e mostrar a realidade deste, como eram seus hábitos e sua rotina. Queriam adentrar no prédio. Porém, o porteiro, de antemão, pensa se tratar de bandidos, malfeitores,; ali não seria ambiente para aquele “tipo” de pessoas, negros e de periferia.

“Estamos filmando.”

Filmando? Ladrão é assim quando quer sequestrar. Acompanha o dia-a-dia, costumes, a que horas a vitima sai para trabalhar. O prédio tem gerente de banco, médico, advogado. Menos o síndico. O síndico nunca está.

-De onde vocês são?

-Do Morro do Pavão. (FREIRE, 2005, p. 23)

¹⁵ FREIRE. Marcelino. “Canto X: Nossa Rainha”. IN.: **Contos Negreiros**. Rio De Janeiro: Editora Record, 2003, p. 73.

Como expõe o trecho acima, pouco importa as explicações dadas, o porteiro ameaça chamar a polícia, pois a cor da pele e o lugar onde moram são sinônimos, conforme o porteiro, de bandidos.

Diante da situação, o narrador, que é um narrador personagem, expõe sua indignação com a falta de um retorno positivo, afirma que a ideia foi dele: “A ideia foi minha, confesso. O pessoal vive subindo no morro para fazer filme. A gente abre as nossas portas, mostra as nossas panelas, merda.” (FREIRE, 2005, p. 24). As personagens objetivam, assim como é feito comumente no morro: mostrar a realidade diária dos moradores de um prédio de classe média, já que, para eles, aquela seria outra maneira de vivência. Se podem adentrar no morro, mostrar os costumes, a rotina e os comportamentos de quem ali mora, subtende-se que os jovens queiram filmar outros hábitos e experiências de vida, e, já que recebem tão bem os que entram no seu espaço e querem saber sobre suas intimidades (sentimentos, lutas diárias, etc), esperavam reciprocidade.

Todavia, portas estão, literalmente, fechadas para eles, além de serem discriminados. Portanto, podemos inferir com esta leitura que pode-se entrar no morro, habitado essencialmente por membros pertencentes a classes subalternas, e realizar documentários a qualquer momento, em contrapartida, em espaços de classe social superior, há total restrição, principalmente para negros de periferias. Grosso modo, rico têm acesso aos ambientes dos pobres, mas pobres não têm acesso aos ambientes dos ricos.

No texto, tem-se destaque em relação à imagem dos moradores de favelas construída nos documentários, sempre destacando determinadas maneiras de comportamento, contribuindo ainda mais para a ideia preconcebida que se tem da periferia e de seus moradores, como evidencia o fragmento abaixo.

A gente não só ouve samba. Não só ouve bala. Esse porteiro nem parece preto, deixando a gente preso do lado de fora. O morro tá lá, aberto 24 horas. A gente dá as boas vindas de peito aberto. Os malandrões entram, tocam no nosso passado. A gente se abre que nem passarinho manso. (FREIRE, 2005, p. 25)

No final, a polícia é chamada, e um tumulto é formado, ao invés da confecção de um documentário, houve uma grande confusão, com tiros, polícia e curiosos: “[...] Assustador. Apareceu gente de todo tipo. E a ideia não era essa. Tivemos que improvisar. Sem problema. Tudo bem. Na edição a gente manda cortar.” (FREIRE, 2005, p. 27)

Solar dos Príncipes retrata uma cena escancarada de preconceito racial. A narrativa mostra como a cor da pele ainda é motivo de exclusão e violência. Nela, o autor apresenta um cenário com cinco negros do morro do Pavão – uma comunidade que fica acima do bairro de Copacabana, na zona Sul do Rio de Janeiro, um dos bairros luxuosos da cidade, banhado por uma praia famosa e frequentada por pessoas que ali residem – que são impedidos de entrar em um prédio de classe média e acusados de ladrões em virtude da cor da pele e do lugar onde moram.

Embora tente-se esconder a área periférica, a visualização da altitude do morro evidencia o contraste social e o desprezo do Estado com relação as grandes comunidades carentes que habitam a “cidade maravilhosa” –, eles almejam fazer um documentário sobre a vida diária de um prédio de classe média, com moradores essencialmente brancos. No entanto, são surpreendidos pelo porteiro, também negro, que os acusa de ladrões pelo simples fato de serem negros. Sua primeira reação é ameaçar chamar a polícia, pois “preto” e “favelado” só iria a um lugar daqueles para realizar ou planejar assalto, então o porteiro não aceita nenhuma explicação dada pelos jovens. A polícia é chamada e uma grande confusão é formada.

Portanto, notamos, através de *Solar dos Príncipes*, o quanto ainda as pessoas são julgadas pela cor da pele, sendo tal texto exemplo de uma pequena amostra do que acontece diariamente com negros no Brasil. Infelizmente, muitos ainda relacionam a cor de pele com caráter, revelando o quanto nossa sociedade precisa evoluir.

Esse *canto* nos faz refletir que vários documentários são realizados nas favelas, mostrando o dia a dia de um povo esquecido por seus governantes e que estes lutam diariamente para conseguir resistir e sobreviver em meio a tantas mazelas, como a violência, o descaso, a marginalização e o olhar superior de quem acha que favelado e preto são inferiores e perigosos, e mostrar isto rende dinheiro.

Talvez quem os produz tem boas intenções - seja para mostrar (como forma de denúncia) uma realidade esquecida pelos governantes, seja para evidenciar que as pessoas que moram na favela conseguem ser felizes, mesmo diante das adversidades -, mas acaba promovendo a divulgação de uma imagem limitada da periferia, como a citada na narrativa. Periferia não é só samba, não é só violência, todavia, parece ser mais interessante evidenciar o que muitos imaginam, mesmo sem conhecer a realidade de uma

comunidade, dessa forma, conceitos equivocados continuam sendo disseminados e perpetuados.

Outro ponto que merece ser discutido é referente às construções que são realizadas diariamente pelas mídias e como essa perspectiva imaginada é absolvida pelas pessoas. Cotidianamente, milhares de pessoas assistem televisão, escutam rádio, acessam a internet e navegam em suas redes sociais, sendo a TV o objeto de consumo em massa, mais popularizado. Estes meios de comunicação têm um grande poder de entrar no lar, no imaginário e na vida das pessoas. O perigo está na recepção inconsciente desse meio de comunicação.

A mídia nos passa um ideal de beleza. Junto a este, está imbuído as ideologias que valorizam a cor branca, tentando suplantar a ideia de superioridade. Sabemos que houve avanços, porém, ainda há o preconceito velado. Faz-se um comercial e põe-se um “moreninho”, por exemplo, para deixar claro que não há exclusão nas emissoras de TV-jornais, novelas, programas e outros - revelando que a maneira de enxergar o negro ainda requer mudanças ideológicas.

Por que grande parte dos contos infantis retratam princesas brancas que se casam com príncipes brancos e ricos? Há, de acordo com esses contos, como ser feliz para sempre sendo pobre de pele escura? Com essas indagações, percebemos que, desde pequenos, nos repassam um ideal: ser rico e branco.

Pensando nesse ideal, vemos que nossa identidade é construída a partir também do que vemos na televisão, nossos ídolos são seres “perfeitos” e fonte de inspiração, como revela o *canto X, Nossa Rainha*, da obra *Contos Negreiros*.

Em *Nossa Rainha*, tem-se a história de uma garotinha que mora no morro e que é fã da Xuxa, *a rainha dos baixinhos*. Ela vive gritando: *Eu quero ser Xuxa!* (FREIRE, 2005, p.73). E, mesmo diante de tantas dificuldades financeiras, a mãe se esforça, faltando inclusive ao trabalho, para levá-la ao cinema sempre que um novo filme de Xuxa é lançado.

A mãe já vivia da ajuda do povo. Mas tinha de levar a menina ao cinema. Toda vez que aparecia um filme novo. O que Xuxa está pensando? O que Padre Marcelo está pensando? Que tanto disco a venda, que tanto boneco, que tanta prece! Tenha santa paciência. (FREIRE, 2005, p. 73)

A mãe era fã de padre Marcelo Rossi, mas logo o troca por um pai de santo, pois era mais barato, bastava uma oferenda de galinha preta, que ela fazia no réveillon. Vemos algum pai de santo na TV de maneira constante, influenciando e conquistando féis? Na verdade, o que vemos com mais frequência são padres (há também a aumento da presença dos pastores evangélicos na mídia), já que a religião majoritária é o Catolicismo. Já os pais de santo (que são apelidados pejorativamente, de *catimbozeiros*, *do demo*, dentre outros) aparecem raríssimas vezes na TV. Dessa forma, vemos, em linhas gerais, que o Brasil se diz laico, porém sua nação valoriza o Catolicismo e menospreza as religiões afro.

Certo dia, corre-se a notícia que Xuxa iria fazer um show no morro, a menina eufórica queria ir. Mesmo sabendo das dificuldades, a mãe a leva.

Pendurou a menina nas costas e enfrentou o calor. E o empurra-empurrão. E também gritou para ver se a Xuxa ouvia: Xuxa, Xuxa, Xuxa. Pelo amor de Deus! Faz essa menina calar a boca. Diz pra ela pensar em outra coisa, sonhar com os pés no chão. (FREIRE, 2005, p. 75)

A mãe sabe que sua filha nunca será a *rainha dos baixinhos*, talvez rainha da bateria, mais próxima à sua realidade. No entanto, ela quer ver sua menina feliz, mesmo sabendo que aquele sonho seria impossível, sendo plausível em vez de *rainha dos baixinhos*, ser rainha de bateria, que é mais próximo à realidade do morro e ligado à cultura negra – que não está retratada na TV, e quando está é de forma limitada, dando enfoque ao corpo sensual da mulata, esquecendo a cultura e as origens.

Dessa forma, este último *canto* nos faz refletir sobre a influência da televisão na formação da identidade dos telespectadores. A garotinha de *Nossa Rainha* sonha ser a Xuxa, quer ver todos os filmes da famosa, e esse desejo surge graças ao que ela assiste, caso contrário, talvez sua referência fosse uma rainha de bateria, uma professora, uma vizinha, alguém que se destacasse na comunidade que ela mora, ou até mesmo uma mulher representada na TV como uma moradora do morro. Quem é Xuxa? Loira, olhos azuis e a *rainha dos baixinhos*, a imagem que a mídia prega como padrão.

Vemos em *Nossa Rainha* algo bem comum: a de querer ser igual a(o) nossa(o) ídolo. No entanto, vemos no conto também que o que é representado na TV se distancia da(s) realidade(s) de quem mora na periferia. A personagem da garotinha quer ser a Xuxa, e a mãe se esforça para lhe levar ao cinema e ao show que a “*rainha dos baixinhos*” fez

no Morro. A identidade que é a menina está construindo está sendo influenciada pelo que a mesma vê na TV, se distanciando do morro e da sua vivência diária, tendo por belo a cor branca, os olhos azuis e uma *rainha*. Ela não assistiu e não se identificou, por exemplo, com uma rainha da bateria.

Assim, temos dois textos que nos fazem refletir sobre o preconceito racial e a cor de referência da TV. E duas situações que nos fazem enxergar que é preciso mudanças na sociedade em relação ao modo que se vê e que se representa (ou que não se representa) o negro.

Solar dos príncipes trata do preconceito racial de maneira realista e detalhada. A personagem do porteiro nos faz refletir sobre a formação e o condicionamento do indivíduo. No ambiente que ele trabalha, serve a médicos, a advogados, logo, sua postura precisa estar de acordo com aquele ambiente. É fácil julgá-lo por sua atitude preconceituosa, uma vez que o mesmo também é negro, porém é necessário pensar que sua formação e contexto de trabalho o condicionam a agir conforme a sociedade prega. Assim, é possível afirmar que se trata de uma atitude da sociedade, que exclui, segrega e discrimina.

Nossa rainha não evidencia explicitamente o preconceito racial, podemos dizer que ele pode exemplificar o modo como o preconceito racial começa a ser inculcado, pois há um reconhecimento, a partir do que é mostrado pela mídia, do que é padrão a ser seguido (Questão de identidade e de como ela vai sendo construída midiaticamente). A personagem da garotinha almeja ser a *rainha dos baixinhos*, e a figura dramática da mãe revela que isto é impossível e que sua filha deveria sonhar em ser rainha de bateria, sendo este um sonho possível, mas o que a garotinha viu na TV? Foi esta que mostrou para ela que o ideal é ser a Xuxa. Como afirma Oliveira:

A televisão leva o mundo até o indivíduo sem que ele precise sair na rua; torna-o aquilo que ele não é; dita o que é bom e ruim para a sua saúde; mostra o que é feio e bonito e, o que é mais cômodo e ao mesmo tempo prejudicial à sua intelectualidade: transmite informações prontas, sem que ele necessite investir seu tempo em reflexões. (OLIVEIRA, 2008, p. 12 e 13).

Nesse sentido, vemos que ambos os textos podem nos fazer refletir sobre o preconceito racial e sua disseminação. Sabemos que ele não surgiu do nada. Logo, o combate não pode se dar de maneira rápida, como é perceptível em face às leis citadas no tópico seguinte, é preciso leis específicas que garantam um ensino efetivo e de combate

aos preconceitos. Afinal, é através do conhecimento que se muda pensamentos minimizadores e enraizados.

Considerações finais

Em face ao que expomos aqui, percebemos o quanto avançamos e o quanto ainda precisamos avançar para a construção de uma sociedade que garanta de fato o que é assegurado pelas leis. Ao realizarmos a leitura de textos como *Solar dos Príncipes* e *Nossa Rainha*, do autor Marcelino Freire, visualizamos, respectivamente, uma cena de violência que ocorre diariamente com inúmeras pessoas, simplesmente por possuírem a pele negra ou se reconhecerem como negros, e refletir como a mídia tem o poder de nos influenciar, além de apresentar um modelo padrão, como já citado no presente trabalho.

Se formos elencar todos os motivos que corroboraram para que o preconceito racial se mantivesse mesmo depois de décadas após a abolição da escravatura, talvez um dos principais deles seria a ignorância. Bem como se formos elencar uma das principais ferramentas de combate a este mal, poderemos citar o ensino das Ciências Humanas, principalmente o ensino de História, pois estereótipos e ideologias retrogradadas (cremos que o preconceito parte desse tipo de ideologia) podem ser combatidos através do conhecimento.

Dessa forma, este estudo foi realizado com o propósito de fazer refletir e, a partir de então, compreender que todos, independente de origem, raça, sexo, cor, idade e/ou religião, tem direitos iguais garantidos por leis.

Por fim, temos a consciência de que não possuímos poderes mágicos e capazes de mudar atitudes e, essencialmente, o pensamento dos que ainda acreditam na superioridade das raças. Também temos a consciência de que este trabalho não terá, sozinho, o poder de combater o preconceito racial. Porém, é preciso sabermos que para erradicar tal mal é indispensável o empenho de muitos, principalmente dos que têm acesso ao conhecimento e, conseqüentemente, conseguem refletir, de uma maneira crítica, sobre a história de sua nação. Não há receitas prontas nem fáceis, mas há a vontade e a percepção de que é preciso avançar e não regredir.

Referências

BRASIL. *A Lei nº 10.639*, de 9 de janeiro de 2003. Brasília, 182º da Independência e 115º da República. 2003.

BRASIL. *Constituição, 1988*. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. *Declaração dos Direitos Humanos*. Brasília, 2008. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/505869/declaracao.pdf>> Acesso em 22 de agosto de 2018.

BRASIL. *Estatuto da Igualdade Racial: Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, e legislação correlata*. 4. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira - Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Marcelino. *Contos Negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

OLIVEIRA, Maria Alana Brinker de. *Opinião pública, espelho da televisão: até onde a sociedade enxerga. Uma análise focada em telejornais*. Porto Alegre, 2008. 126 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. 1ª- ed. São Paulo : Claro Enigma, 2012.

THE RACIAL PREJUDICE AND ITS DISSEMINATION IN BOOK *CONTOS NEGREIROS* BY MARCELINO FREIRE

ABSTRACT

This article aims to address racial prejudice, as well as, we take two narratives in book *Contos Negreiros*, by native of Pernambuco writer Marcelino Freire, entitled *Solar dos príncipes* and *Nossa Rainha*, to reflect about theme. We carry out, reflexively, a brief analysis of the stories and pointing out the teaching of History as one of the ways to combat it. Regarding the methodology, the present work is developed from a bibliographic study, in a reflexive perspective. So, we emphasize, here, the importance of giving priority to the rights of all, without any type of discrimination, approaching the teaching of History as essential in the fight against this evil.

Keywords: racial prejudice, *Solar dos Príncipes*, *Nossa Rainha*.

Recebido em 12/10/2021.

Aprovado em 09/01/2022.